

“Não é uma fantasia, este sou eu”: Discussões sobre a representação e performance da masculinidade negra na série *Sex Education* (2019)

"No es una fantasia, este soy yo": Discusiones sobre la representación y performance de la masculinidad negra en la serie *Sex Education* (2019)

Andrey Gabriel Souza da Cruz*

João Paulo Baliscei*

Resumo: Tendo como pauta as masculinidades, parece-nos prudente tratar de outros marcadores identitários, tais como raça e sexualidade, já que as *performances* masculinas são múltiplas e organizadas de modo hierárquico. O objetivo deste artigo é investigar a identidade do personagem Eric Effiong, um dos coadjuvantes da série *Sex Education* (2019). Trata-se de um homem-jovem-negro-gay que, por suas diferenças identitárias, apresenta uma masculinidade considerada dissidente da norma. Para isso, ancoramo-nos nos Estudos das Masculinidades - campo que tem se dedicado a perceber e analisar as maneiras assimétricas a partir das quais as masculinidades são instituídas - e nos Estudos da Cultura Visual - aporte teórico que investiga as imagens para além de seus aspectos compositivos. Para a organização deste texto, primeiro apresentamos nosso objeto de análise - a construção do personagem Eric. Depois, aprofundamo-nos nas concepções de masculinidades e na investigação visual crítica de três cenas da série. Adotamos o PROVOQUE como procedimentos de análise. Finalizamos vislumbrando os modos como personagens dissidentes, tais como Eric, podem desestabilizar e romper com formas recorrentes e estereotipadas nas representações de indivíduos masculinos, negros, *gays* e afeminados.

Palavras-chave: Gênero, Cultura Visual, negritude.

Resumen: Teniendo como tema las masculinidades, nos parece prudente tratar de otros marcadores de identidad, tales como raza y sexualidad, ya que las *performances* masculinas son múltiples y organizadas de manera jerárquica. El objetivo de este

* Universidade Estadual de Maringá – UEM. Licenciado em História. Bolsista do CNPq, processo nº 1899/2020. Membro do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens – ARTEI.

* Universidade Estadual de Maringá – UEM. Doutor em Educação. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI

artículo es investigar la identidad del personaje Eric Effiong, uno de los secundarios de la serie Sex Education (2019). Se trata de un hombre-joven-negro-gay que, por sus diferencias de identidad, presenta una masculinidad considerada disidente de la norma. Para eso, nos anclamos en los Estudios de las Masculinidades - campo que se ha dedicado a percibir y analizar las maneras asimétricas desde las cuales las masculinidades son instituidas - y en los Estudios de la Cultura Visual - aporte teórico que investiga las imágenes para más de los aspectos que las componen. Para la organización de este texto, primero presentamos nuestro objeto de análisis - la construcción del personaje Eric. Luego, nos profundamos en las concepciones de masculinidades y en la investigación visual crítica de tres escenas de la serie. Adoptamos el PROVOQUE como procedimientos de análisis. Finalizamos vislumbrando los modos como personajes disidentes, tales como Eric, pueden desestabilizar y romper con maneras recurrentes y estereotipadas en las representaciones de individuos masculinos, negros, gays y afeminados.

Palabras clave: Género, Cultura Visual, negritud.

Introdução

*Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse
SIM!
“Que coisa é ser negra?”
Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
Negra!
(Viktória Santa Cruz, Me Gritaron Negra, 1960)*

“Não me descobri negra, fui obrigada a sê-la”, a frase da brasileira Joice Berth nos encaminha ao pensamento assim exposto pelo francês caribenho de Martinica, Frantz Fanon (2008) de que nos constituímos a partir do outro, a partir das nossas

diferenças descobrimos e identificamos o que somos, e estas diferenças no corpo social se constituem de modo hierarquizado. Deste modo, conhecer-se, pode ser entendido como a necessidade de transcender a si e compreender como o outro nos interpela e nos lê no coletivo social, como expôs o mesmo autor ao afirmar: “Se ele é malgaxe [adjetivo que caracteriza o/a habitante da República Democrática de Madagascar], é porque o branco chegou, e se, em um dado momento da sua história, ele foi levado a se questionar se era ou não um homem, é que lhe contestavam sua humanidade.” (FANON, 2008, p. 94).

No ano de 2010, o jogador brasileiro Neymar Junior (1992--), em uma entrevista ao jornal “Estadão”, após indagado sobre se já havia vivenciado/sofrido racismo, respondeu da seguinte forma: “Nunca. Nem dentro e nem fora de campo. Até porque eu não sou preto, né?”¹. No segundo semestre de 2020, especificamente no dia 13 de setembro, durante um jogo entre o time em que o jogador era titular, *Paris Saint Germain*, contra *Olympique de Marseille*, Neymar denunciou em jogo atos racistas de outro jogador, Álvaro Gonzáles (1990--), o que levou muitas pessoas a indagarem a autodeclaração pública que fez anteriormente, em 2010, aos 18 anos. Associamos esse episódio e as possíveis contradições que ele reflete ao pensamento de Fanon (2008, p. 94), que enfatiza, falando sobre a sua própria experiência, que o sujeito negro passa a sofrer as consequências do racismo, conforme “[...] o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco [...]”.

Muitas pessoas negras no Brasil compartilham da dificuldade de se compreenderem racialmente, e isso, consideramos, guarda relação com as problemáticas advindas do colorismo, que pressupõem a ideia de que quanto mais retintos os indivíduos forem menos acessos, direitos e “privilégios”² terão, contrapondo-se aos menos retintos, que obterão maiores possibilidades de acessos aos direitos por uma suposta proximidade às visualidades da branquitude.

¹ Notícia em: <<https://infograficos.estadao.com.br/esportes/o-avanco-do-racismo/supercraques-negros.php>>. Acesso 17 de set. de 2020.

² Aqui, extrapolamos e problematizamos a ideia de privilégio, visto que, aquilo que por vezes taxamos como “privilégios” e que são reivindicações de grupos minoritários, encontram-se no campo dos direitos básicos e fundamentais para o desenvolvimento digno da humanidade.

Não bastando, o conceito do colorismo, segundo a pesquisadora brasileira Alessandra Devusky (2019)³, torna-se mais um mecanismo racista que divide os iguais (negros/as em toda diversidade de tons de pele e traços físicos que existem), dificultando a autopercepção do que se é racialmente, vê-se, ainda, uma tentativa de se criar uma imagem homogênea do que é ser negro/a. E isso, conseqüentemente, desencarreta na exclusão daqueles/as que não correspondem em total conformidade aos fenótipos negroides, com ênfase na pele retinta.

Embora para alguns/algumas, compreender a sua raça seja uma tarefa confusa, para outros/as, a raça é um marcador anunciado e denunciado em todas as ações e preocupações dos seres. “Gritaram-me negra” (nossa tradução), o poema da peruana Victoria Santa Cruz (1922-2014), apresenta-nos a realidade de uma sociedade que constantemente carrega discursos de que “todos/as somos iguais” ou de que “não vejo cores, vejo humanos/as”, mas, sabe bem quando e para quem gritar sua racialidade. Talvez, o jovem Neymar não tivesse tido tempo de se compreender enquanto homem negro em 2010, mas, em 2020 um “outro” branco lhe apresentou como ele era visto: como um homem negro, ofendido na partida com a nomenclatura pejorativa “macaco” - associação que muitas pessoas negras já ouviram em suas vidas. Embora a racialidade, por vezes, passe pelo crivo da descoberta por meio de ofensas, como neste caso, tornar-se negro e compreender a negritude que corpos carregam é um processo complexo e subjetivo.

Para além da autodeclaração, sublinhamos que os atos discriminatórios de uma sociedade racista também nos dizem bem quais são as raças que os indivíduos sustentam e carregam, como ocorreu no fuzilamento do carro de uma família negra com 80 tiros⁴; no assassinato de um adolescente negro dentro de casa⁵; e nas ofensas que marcas reconhecidas ainda dirigem contra às estéticas negras⁶. Os corpos alvos e selecionados para a morte e para a discriminação, como demonstram os casos supracitados, são bem definidos e facilmente achados, como descreve o brasileiro Sílvio

³ Temos como referência, uma *live* realizada juntamente com Djamilia Ribeiro, disponibilizada no canal Feminismos Plurais.

⁴ Notícia em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/07/homem-morre-apos-carro-ser-atingido-em-acao-do-exercito-na-zona-oeste-do-rio.ghtml>>. Acesso 17 de set. de 2020.

⁵ Notícia em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/25/joao-pedro-mandou-mensagem-para-mae-momentos-antes-de-ser-baleado-estou-dentro-de-casa-calma.ghtml>>. Acesso 04 de set. de 2020.

⁶ Notícia em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2020/06/18/bombril-retira-krespinha-do-mercado-acusacoes-de-racismo-fazem-marcas-reformularem-ou-descontinuarem-produtos.ghtml>>. Acesso em 1º de out. de 2020.

Almeida, expondo sobre a sociedade que divide os sujeitos em grupos, conferindo-lhes oportunidades e destinos desiguais.

O racismo estabelecerá a linha divisória entre os superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição. (ALMEIDA, 2019, p.115)

Tratar sobre indivíduos consiste tentar compreender as inúmeras interpelações que o ser sofre e recebe constantemente no contexto cultural, histórico e social onde ele está inserido, já que tais ações e interferências portam um papel significativo na constituição e construção das subjetividades. Sendo assim, são inegáveis as intervenções de classe, gênero, raça, sexualidade, faixa etária e geografia nesse processo.

Aqui, mais especificamente tratamos de raça, gênero e sexualidade, e ao elencarmos as masculinidades como objeto de estudo, coube a nós, primeiramente, delimitarmos as características que levamos em consideração, compreendendo que as *performances* masculinas são múltiplas e organizadas de modo hierárquico, como destaca a australiana Raewyn Connell (1995). Em uma sociedade patriarcal que assegura vantagens e benefícios aos homens em relação às mulheres, entendemos, junto da autora, que estes indivíduos não gozam dos mesmos privilégios de modo unísono. Evidentemente, em relação às mulheres os benefícios empregues aos homens são dos mais diversos âmbitos, visíveis, por exemplo, na economia, na vida cotidiana e na segurança. Contudo, a estratificação se desencadeia com outras marcas, e tais marcações podem ser “bem vistas” e “mal vistas” no coletivo social e conseqüentemente alocar ou não os homens em categorias distintas e também hierárquicas no que diz respeito à obtenção de privilégios: o homem branco,

cisgênero⁷, heterossexual⁸ e de classe elevada, por exemplo, é aquele que ocupa o lugar pouco acessível do topo da pirâmide patriarcal; e quanto mais divergente for a identidade de outros sujeitos em relação ao desse “homem modelo”, menos privilégios portarão, ainda que sejam homens.

Homens cisgêneros sobre homens transgêneros; homens adultos sobre meninos e idosos; homens elitizados sobre homens periféricos; homens heterossexuais sobre homens não heterossexuais, sendo estes, segundo a brasileira Jaqueline Gomes de Jesus (2012), identificados pelo acrônimo *GBTQIA+* (*gays*, bissexuais, transexuais, intersexuais, assexuais e o outros); homens brancos sobre homens pretos, ... Tal distinção não apenas divide homens em grupos diferentes como marca quais dessas diferenças detêm “superioridade” social, econômica e cultural em um contexto marcado pelo racismo, machismo e pela lógica que define a heterossexualidade como “norma”. Assim, a masculinidade precisa ser enxergada e analisada não de modo homogêneo, mas sim, entendida no plural – masculinidades – já que ainda que todos os homens compartilhem de uma mesma identidade, “são homens”, são atravessados por outros marcadores identitários que fazem com que suas masculinidades se configurem de modos distintos entre si.

Logo, um homem negro periférico, por exemplo, desempenha *performances* identitárias de masculinidades diferentes das de outro homem negro que detém um poder aquisitivo maior ou um emprego que lhe confere maior *status* social. Ambos, ainda, destoam das *performances* de masculinidade se comparados com um terceiro homem, esse branco elitizado. Embora os dois primeiros sujeitos, homens negros, carreguem similaridades e uma certa aproximação de experiências por compartilharem da mesma raça, ressaltamos que, quanto mais marcadores elegermos, mais distinções encontraremos nessas *performances* masculinas. Mesmo que usufruam de privilégios oriundos do patriarcado, os homens são interpelados por outros fatores que, como exemplificamos, podem lhe proporcionar exclusão. Ainda que o patriarcado oportunize privilégios aos sujeitos masculinos, observamos que os malefícios de uma sociedade machista tocam todos os sujeitos que coexistem nela,

⁷ Usamos das definições expressas por Jaqueline Gomes de Jesus (2012) para tais nomenclaturas. Segundo a autora, cisgênero se trata do conceito que abrange pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado no nascimento - aqueles/as que se identificam e concordam com seu sexo biológico; e transgênero abrange as pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com o gênero que lhes fora atribuído no processo de socialização.

⁸ Heterossexual categoriza a identidade sexual de sujeitos que sentem atração afetivo-sexual por pessoas cuja identidade de gênero é diferente da sua (JESUS, 2012).

distribuindo-os de formas diferentes e irregulares entre os sujeitos masculinos, como buscamos demonstrar com esses exemplos.

Os Estudos das Masculinidades são um campo de investigação que têm se dedicado a perceber, evidenciar e analisar as maneiras assimétricas a partir das quais as masculinidades são instituídas, valorizadas e censuradas em cada cultura. A partir do conceito de Masculinidade Hegemônica, por exemplo, Connell (1995) pioneira nos Estudos das Masculinidades, caracteriza o sujeito cuja personalidade e corpo correspondem àquilo que é esperado (e cobrado) dos homens. Conforme explica,

[...] toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto (CONNEL, 1995, p. 190).

Contudo, como as masculinidades são plurais, é preciso atribuir características àqueles que não necessariamente refletem as diretrizes impostas pela masculinidade hegemônica, como os sujeitos que se identificam com aquilo que Connell (1995) denomina como Masculinidades Cúmplices, Masculinidades Marginalizadas e Masculinidades Subordinadas.

Visando, portanto, entender mais especificamente sobre as masculinidades negras – já que, em um contexto racista, o homem negro não consegue desempenhar uma masculinidade hegemônica - direcionamos nossos olhos aos marcadores sociais de gênero e raça. Ademais, colhemos do campo dos Estudos da Cultura Visual, a produção, circulação e análise de artefatos visuais que confirmam predicativos específicos às masculinidades negras. Os Estudos da Cultura Visual oferecem aporte teórico para que investiguemos as imagens para além de seus aspectos estéticos e compositivos, enxergando-as, assim, como artefatos políticos, a partir dos quais, disputam-se por representações. Desempenhamos aquilo que Irene Tourinho e Raimundo Martins (2011) denomina como visão crítica, em oposição à visão tácita – acomodada e confortável com aquilo que vê. A visão crítica, segundo a autora e o autor transpassa o ato de ver simplesmente e naturalizar tudo que contemplamos, está ligado a estranhamentos e problematizações do que se observa

Na visão crítica, a dinâmica social, a estrutura institucional e ainda, o currículo, contribuem para desenvolver atitudes, comportamentos, preferências e valores que facilitam a adequação dos indivíduos às estruturas e interesses das sociedades capitalistas, impedindo sua mobilidade. (TOURINHO e MARTINS, 2011, p. 59)

Tanto os Estudos das Masculinidades quanto os da Cultura Visual guardam relação com os Estudos Culturais que, conforme aponta o britânico-jamaicano Stuart Hall (2016), são um campo de investigação que têm tomado as identidades e as diferenças como uns de seus temas, analisando e apresentando como as sociedades têm se organizado a partir das estruturas culturais, que ditam valores, costumes, hábitos e normas. Hall (2016) nos apresenta como as imagens que nos circundam nos ajudam a compreender o mundo em que estamos inseridos, além de delimitar pressupostos culturais, invisibilizar e elevar sujeitos distintos.

Dentre os diversos artefatos da cultura visual que permeiam o cotidiano e o imaginário social, como a publicidade, o cinema, os brinquedos e a moda, optamos, por eleger como objetivo desse artigo investigar a identidade do personagem Eric Effiong, um dos coadjuvantes da série *Sex Education* (2019). Propomo-nos a observar cenas específicas da primeira temporada⁹ da série, lançada em 2019, e disponível na plataforma de *streaming Netflix*, entendendo que os primeiros episódios são aqueles em que os/as personagens são caracterizados/as e apresentados/as ao público. Buscamos flertes e dissidências que a *performance* do personagem em questão desempenha com a Masculinidade Hegemônica. Assim, ancorados na investigação da persona, expomos e confrontamos também os estigmas e estereótipos que são atribuídos aos corpos de homens negros na sociedade, problematizando o que se espera deles e como eles serão vistos e tratados¹⁰. No caso do personagem Eric Effiong, é importante realçar que, para além de evidenciarmos o gênero e a raça como identidades, também contemplamos a sexualidade, já que, como homem *gay*, ele é atravessado por outro marcador social que lhe retira (ou pelo menos diminui) os privilégios advindos do

⁹ Vale destacar que, mais recentemente, em 2020, fora lançada a segunda temporada de *Sex Education* (2020) com um total de oito episódios.

¹⁰ Embora tentemos trazer aproximações em relação à realidade brasileira e até mesmo esboçar traços mais globais do racismo e da visão estereotipada que se têm sobre homens negros, marcamos que a série em questão fora produzida na Inglaterra e, conseqüentemente, comporta especificidades histórico-culturais advindas de tal localidade.

patriarcado e o enquadraram como um indivíduo “mais abaixo” na hierarquia das masculinidades.

No que diz respeito à organização deste texto, pensamos na seguinte estrutura: em um primeiro momento, apresentamos nosso objeto de análise, isto é, a construção do personagem Eric Effiong, e realizamos uma síntese da série em que ele aparece como coadjuvante. Também apresentamos nosso aporte teórico, dando ênfase para conceitos e debates produzidos no bojo dos Estudos das Masculinidades e dos Estudos da Cultura Visual, como o de Políticas da Masculinidade (CONNELL, 1995). Depois, no segundo tópico, aprofundamo-nos nas concepções de Masculinidade Subordinada e Marginalizada (CONNELL, 1995), relacionando-as com conceitos afetos às questões étnico-raciais. Desta forma, sublinhamos o gênero, a sexualidade e a raça, como os marcadores que foram analisados no terceiro tópico. Nele, descrevemos a metodologia de análise de imagem adotada por nós - um conjunto de procedimentos que orientam investigações visuais críticas e inventivas, denominado PROVOQUE (BALISCEI, 2020) - e retomamos a série *Sex Education* (2019), para atribuir-lhe caráter analítico em três cenas específicas da primeira temporada, quando Eric é apresentado. Nelas, debruçamo-nos sobre as expressões de gênero, sexualidade e raça. Por fim, em nossas considerações finais, indicamos que personagens dissidentes, tais como Eric Effiong, podem desestabilizar e romper com formas recorrentes e estereotipadas nas representações de indivíduos masculinos, negros e *gays*.

Como “ser masculino” entre (tantas) masculinidades: os Estudos das Masculinidades como ponto de partida

A série *Sex Education* (2019-2020) se trata de uma produção original da empresa *Netflix*, cuja primeira temporada fora lançada no ano de 2019 e atualmente dispõe de uma segunda temporada que estreou em janeiro de 2020. *Sex Education* (2019-2020) é criação da escritora de peças de teatro britânica Laurie Nunn (1985--) e apresenta narrativas que se passam na Inglaterra contemporânea. Dentre essas narrativas, destacam-se as que permeiam a vida de Otis Milburn, personagem protagonista interpretado por Asa Butterfield (1997--), um adolescente que expressa significativo conhecimento teórico sobre assuntos tocantes ao sexo e à sexualidade, o que pode ser relacionado ao fato de ser filho de uma sexóloga. Apesar disso, Otis acaba por protagonizar problemas e dificuldades práticas com sua própria sexualidade e com as

maneiras como se relaciona afetivamente com seus e suas colegas. A trama, em suas duas temporadas, é, então, composta por inúmeras questões que dizem respeito ao sexo e aos conflitos que circundam jovens e adultos/as na área das sexualidades, expondo não apenas as vivências do protagonista, mas, também, dando visibilidade aos mais distintos casos que envolvem o sexo como tabu.

É nesse contexto que encontramos o personagem cuja construção, propomos, seja tomada como nosso objeto de estudos: Eric Effiong é quem dá vida ao melhor amigo do protagonista. Eric, personagem vivido pelo ator ruandense-escocês Ncuti Gatwa (1992--), é retratado como um adolescente negro e *gay*, que naturaliza as questões ligadas à sua (homos)sexualidade e constantemente aconselha Otis na sua descoberta sexual. Embora não seja protagonista, Eric também ocupa espaço suficiente na série para encenar dilemas a respeito de sua própria sexualidade, vida sexual, preconceitos e agressões que sofre no cotidiano por ser negro, por ser *gay* e por não corresponder às normas que, culturalmente, se espera de um homem, como ser estritamente “masculino”.

Obstinados então a debater sobre masculinidade, ancoramo-nos a Connell (1995) que nos chama atenção para a diversidade existente no performar das masculinidades, e apresenta uma lógica hierárquica que interpela e enquadra os homens segundo suas ações no social. Expõe, portanto, que há masculinidades plurais e uma espécie de “projeto de homem ideal”, “normal”, imperando nas relações sociais, e convocando homens a cumprirem uma série de características que perpassam aspectos físicos, econômicos, sexuais, emocionais, comportamentais e de consumo.

A partir do conceito de Políticas da Masculinidade, Connell (1995) organiza e discorre sobre uma hierarquização entre os sujeitos masculinos, compreendendo as masculinidades não como uma identidade homogênea e horizontal, mas sim como um campo de disputas a partir do qual outros marcadores culturais e identitários operam para a constituição de sujeitos e grupos diferentes. As políticas da masculinidade, então, não apenas elencam um padrão de comportamento dos sujeitos que ocupam o mais alto nível de privilégios na sociedade, mas também caracterizam as *performances* de outros homens que contribuem para que esse padrão seja consolidado, ainda que eles não o alcancem.

O conceito inicialmente nos oportunizou vislumbrar a noção da existência de uma pluralidade nas *performances* ligadas ao masculino, abrangendo a existência de diversas masculinidades. Posteriormente, nos direcionou à compreensão de que essas

múltiplas masculinidades se configuram a partir de uma hierarquização, pautada nos marcadores sociais e nos ideais culturais. Tal hierarquia denota, conseqüentemente, como os privilégios do patriarcado são e serão distribuídos entre os indivíduos masculinos de maneiras assimétricas e como estes são vistos e (des)valorizados no coletivo. A clivagem estabelecida por Connell (1995) expõe a construção de, pelo menos, quatro tipos distintos de masculinidades – a Hegemônica, a Cúmplice, a Subordinada e a Marginalizada - que não são necessariamente estáticas e fixas, mas, ao contrário, são desempenhadas pelos homens na sociedade com oscilações e constantes flertes, sendo possível o trânsito entre as masculinidades de acordo com as condições presentes.

Almejando apresentar uma visão sucinta sobre a políticas da masculinidade, recorreremos a Connell (1995) para afirmar que a masculinidade hegemônica se apresenta como correspondente à representação do homem “padrão”, isto é, ela equivale à norma vigente na sociedade, ao que é idealizado culturalmente. No caso das sociedades contemporâneas, ocidentais e capitalistas, a masculinidade hegemônica condiz, de modo geral, ao homem branco, cristão, de classe média ou alta, jovem, saudável e, sobretudo, heterossexual. Essa masculinidade se apresenta e se posiciona, ainda, com uma suposta superioridade em relação ao coletivo, naturalizando o autoritarismo e a violência que são atribuídas ao homem. Os pensamentos do estadunidense Douglas Kellner (2001) mostram que sujeitos detentores de uma Masculinidade Hegemônica se veem e se colocam como referência e, nesse ponto, o autor parece ir ao encontro do que apresentamos.

Para a ideologia, porém, o “eu”, a posição da qual a ideologia fala, é (geralmente) a do branco masculino, ocidental, de classe média ou superior; são posições que veem raças, classes, grupos e sexos diferentes dos seus como secundários, derivativos, inferiores e subversivos. (KELLNER, 2001, p.83)

A concepção de masculinidade cúmplice (CONNELL, 1995), por sua vez, guarda relação com os indivíduos que, por mais que não correspondam em fidedignidade aos padrões hegemônicos, flertam e propagam as ideias da masculinidade hegemônica, enaltecendo-a. São, portanto, homens cujos corpos e identidades não necessariamente correspondem aos que são cobrados da masculinidade hegemônica, mas que, mesmo

assim, optam por exalta-la, pois, de certa forma, usufruem dos benefícios que essa “cumplicidade” pode lhes conferir. São, então, cúmplices no que diz respeito à proteção e preservação do patriarcado.

A masculinidade subordinada é sinalizada, na percepção de Connell (1995), pela manifestação de características que, social e culturalmente, são associadas ao feminino - e conseqüentemente, na lógica hierárquica de gênero que subjuga e desqualifica o feminino, a masculinidade subordinada seria “inferior” às demais. Subitamente, somos direcionados a associar a masculinidade subordinada aos homossexuais, sujeitos que sentem atração afetivo-sexual por outros do mesmo gênero. A subordinação da masculinidade de homossexuais seria, segundo a lógica machista, mais evidente naqueles sujeitos que expressam comportamentos socialmente lidos como femininos, intrínsecos em suas vozes, movimentos e corpos. Contudo, vale destacar que a masculinidade subordinada não se restringe exclusivamente aos sujeitos homossexuais, já que homens que não correspondem ao padrão de agressividade e virilidade do hegemônico também são percebidos como “inferiores” por essa lógica, independentemente da sua identidade sexual. Assim, homens pacíficos, homens metrosssexuais¹¹ / “vaidosos” e cuidadosos com seus corpos, homens que não compartilham de gostos, atos e prazeres específicos atribuídos ao masculino (como a prática ou apreciação de determinados esportes, vestuários e comportamentos) podem ser, todos, identificados como masculinidades subordinadas dependendo do contexto cultural onde se inserem. Isso quer dizer que, por não serem postos fixos, as masculinidades oscilam, incluem ou excluem sujeitos constantemente.

E por fim, a masculinidade marginalizada (CONNELL, 1995) é apresentada como aquela marcada por identidades socioeconômicas e étnico-raciais diferentes da “norma”. Contempla homens que também são posicionados em uma escala tida como “inferior” aos demais, seja, por exemplo, por serem negros, pobres ou por não estarem incluídos em ritmos de consumo capitalistas. De modo semelhante, os escritos de Hall (2016) debatem sobre como as representações de sujeitos negros, portanto marginalizados, têm se consolidado e se estabilizado no imaginário da sociedade ao longo dos tempos, a partir de imagens estereotipadas e, inversamente, de imagens que buscam denunciar esses estereótipos. Nesse ponto, podemos supor que Connell (1995)

¹¹ Segundo o brasileiro Wilson Garcia (2004), pode-se definir a ideia de metrosssexualidade como a designação atribuída aos homens urbanos que expressam significativa preocupação com sua aparência e denotam uma vaidade elevada.

e Hall (2016) concordam que, em um contexto racista, a masculinidade de um homem negro receba tratamentos e mesmo representações distintas daquelas conferidas aos homens brancos.

No que diz respeito aos estereótipos a partir dos quais os sujeitos negros têm sido identificados, Hall (2016) analisa como o enrijecimento de representações para indivíduos específicos não apenas restringe e limita os seres segundo uma visão social que se configura imersa em fetichismos e animalização daqueles que não correspondem à norma hegemônica eurocêntrica que eleva o homem branco, como também naturaliza as mazelas vividas por aqueles que se encontram imersos em estereótipos negativos.

Atribuímos importância aos Estudos Culturais, dentre eles os da Cultura Visual e os das Masculinidades, uma vez que contemplamos uma sociedade separada e extremamente estratificada, configurada na disposição de privilégios e desprivilégios para corpos específicos, com cores, gêneros, sexualidades e *performances* específicas. Socialmente, é comum que as pessoas se pautem em um discurso falacioso sobre um suposto “inatismo” e “naturalismo” do ser e da organização do mundo, que serve, por vezes, de justificativa para a manutenção e prevalência das desigualdades. Nessa lógica, omite-se a ideia da construção dos indivíduos no coletivo social, como expressa a brasileira Guacira Lopes Louro (1997) quando afirma que:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (LOURO, 1997, p. 21)

Sendo assim, compreendemos que, na leitura social, não é o sexo propriamente dito, que é o elemento mais pesado e ponderado nas análises sociais, mas sim todas as atribuições, funções, ações e implicações que se impõem ao ser a partir da identificação e socialização do seu sexo. É a partir da identificação e socialização do sexo dos sujeitos – o que muitas vezes antecede mesmo o seu nascimento – que ele passa a ser condicionando e que suas *performances* passam a ser classificadas entre toleráveis e

louváveis, conforme o meio onde está inserido. Tais elementos e características são, então, fruto da organização da sociedade que passa pelo crivo histórico e cultural.

Aqui, compreendemos ser válido reforçar e problematizar a compreensão de estereótipos, a noção de imagens preconcebidas e enraizadas no imaginário coletivo, ressaltando como são instaurados e como interpelam a vida dos indivíduos e o cotidiano. Ancorados nas discussões pautadas pelos Estudos da Cultura Visual, com Irene Tourinho e Raimundo Martins (2011), visualizamos como nossas ações, relações e percepções são resultantes da nossa imersão no mundo da cultura que nos foi oportunizado e estamos inseridos e, assim, significamos a partir do nosso repertório visual, criando associações e conexões. Conforme apontam, a cultura visual “[...] assume que a percepção é uma interpretação e, portanto, uma prática de produção de significados que depende do ponto de vista do observador/espectador em termos de classe, gênero, etnia, crenças, informação e experiência cultural. (TOURINHO e MARTINS, 2011, p. 53)

Assim, compreendemos como a contemplação e interpretação do mundo pelos indivíduos se dá por meio de lentes socialmente (e visualmente) construídas, fixando significados e representações. Para investigar a identidade do personagem Eric Effiong, de *Sex Education* (2019), e examinar como a sua identidade de homem negro, *gay* e afeminado é apresentada, a seguir, damos ênfase para as concepções de masculinidade subordinada e marginalizada (CONNELL, 1995), relacionando-as com estudos de questões étnico-raciais.

O que vemos nos corpos? Em foco, a Masculinidade Subordinada e Marginalizada

Retomando a ideia de problematizar contemplações de mundo por meio do nosso histórico de visualidades e referências, podemos propor que as imagens preconcebidas e as visões estáticas, históricas e culturalmente estabelecidas são manifestas e influentes em nossa percepção. Assim, utilizando das reflexões de Almeida (2019), refletimos novamente sobre aqueles/as que são beneficiados/as com tais ideais e representações sólidas, em contraposição àqueles indivíduos que têm suas vidas dificultadas e negligenciadas por tais elementos, pelos estereótipos simplistas e limitantes que carregam.

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça,

que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. (ALMEIDA, 2019, p. 40)

Torna-se evidente que a existência dos estereótipos e as interpelações que direcionam os olhares dos indivíduos na sociedade cooperam para que haja estruturas que os fixam de modo extremamente estratificado, estabelecendo um grupo racial em hegemonia sobre detrimento de outros. Mais do que ver quem perde com isso, vemos quem ganha; vemos quem personifica sucesso e poder no corpo social. A produção de significados, como expõem Tourinho e Martins (2011), assim como os estereótipos limitantes denunciados por Hall (2016), são embarcados na contemplação de quem criou e está criando as visões culturais imperantes, que faz com que homens brancos sejam sempre vistos como superiores.

Dessa forma, ao pensarmos em gênero, raça e sexualidade, sendo esses os elementos que enfocamos na análise do personagem Eric Effiong, refletimos como tais marcadores são influentes nas relações interpessoais, nos acessos, nos espaços, nas *performances* e até na percepção que o indivíduo faz de si.

Almeida (2019) ressalta o que compreendemos como representações da cultura visual, e expõe como as visualidades estão pautadas em estereótipos que naturalizam constantemente ações discriminatórias, racistas e as desigualdades vivenciadas por homens e mulheres negros/as, (de)limitando significados e posições específicas para estes indivíduos. As exposições do autor explicitam como há uma normalização das mazelas vividas pelas minorias, em específico, os/as negros/as, intensificando uma compreensão errônea na sociedade, que culpabiliza estas pessoas pelas situações que estão fadadas a enfrentar devido ao racismo enraizado no social, os intitulado como responsáveis pelas situações que são constrangidos - o que desvia os olhares das estruturas excludentes e racistas que imperam no corpo social.

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre

criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos são natos, meticulosos e racionais em suas ações. (ALMEIDA, 2019, p. 65).

As representações e imagens que consumimos no coletivo direcionam nossos olhares e contribuem para que vejamos posições, *status* sociais, intelectos, poderes aquisitivos e outras características louváveis como próprias de raça, gênero e sexualidade específica. Ao mesmo tempo que essas imagens denunciam a falta de diversidade nas produções no âmbito midiático, apresentam-se como reflexo do real. Isto é, vão além da “representação” da vida, e acabam, pela repetição, “produzindo” vida, influenciando e condicionando os olhares de quem veem para as referências limitadas que são vistas. Denunciamos, então, como de fato, tais espaços midiáticos e sociais (que abrangem a ficção e a realidade) estão, em sua maioria, sendo ocupados particularmente por um grupo que porta de identidades de gênero, raça e sexualidade hegemônica (CONNELL, 1995; KELLNER, 2001; HALL, 2016).

Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas - o legislativo, o jurídico, o ministério público, reitorias de universidades etc. - e instituições privadas - por exemplo, diretoria de empresas - depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos (ALMEIDA, 2019, p. 40-41).

Deste modo, após evidenciarmos a hierarquização social que se estrutura a partir de uma infinidade de subjetividades (como raça, gênero, poder econômico, geografia e outros), e após contemplarmos a estruturação da distribuição de direitos que por serem negligenciados para muitos se tornam privilégios e desprivilégios no social, podemos focar, junto de Almeida (2019), como a construção de um imaginário coletivo discriminatório coopera para a existência de uma ideologia racista e machista, uma vez que todas as influências supracitadas pairam na composição dos indivíduos.

A atuação da mídia como dispersora da concepção de lugares, postos, *performances* e leituras sociais fixas aos indivíduos com suas particularidades na

sociedade, tanto para Hall (2016) quanto para Almeida (2019), torna-se evidente. Os conceitos ressaltados pelos/as autores/as criticam os estereótipos e como eles atuam predeterminando indivíduos a visões. Não somente condicionam e restringem os sujeitos a possibilidades restritas de existência, mas, também, enrijecem as leituras sociais e as formas de serem vistos pelos demais, que passam a não enxergar as capacidades em corpos tidos como diferentes do padrão. E nesse ponto concordamos novamente com Almeida (2019, p. 69) para quem “[...] é por meio da cultura popular que haverá a naturalização da discriminação no imaginário social.”

Entendemos como a crescente nos debates de gênero (somada à compreensão e visão da responsabilidade da construção social no desenvolvimento das características e padrões dos seres masculinos e femininos) tem direcionado inúmeros/as pesquisadores/as à temática (CONNELL, 1995; KELLNER, 2001; LOURO; 2011; HALL, 2016). O determinismo biológico, que por muito tempo imperou no discurso hegemônico e que ainda hoje insiste em ser revelado, inclusive em falas e ações de nossos/as líderes políticos¹², passou a ser mais questionado e, com isso, já não comporta tanto peso a ponto de condicionar todos os indivíduos da sociedade de modo indiscutível, ditando seus traços emocionais e psíquicos somente a partir de suposições biológicas e definições “naturais” de sexo e raça.

Segundo o brasileiro Roque de Barros Laraia (2001, p. 20), nossas características sociais transpõem nossa biologia. Referindo-se aos indivíduos como um todo, o autor argumenta que os “[...] seus comportamentos não são biologicamente determinados. A sua herança genética nada tem a ver com as suas ações e pensamentos, pois todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado”. Semelhantemente, Jaqueline Gomes de Jesus (2012, p. 7) reforça que, “[...] desde criança você foi ensinado(a) a agir e ter uma determinada aparência, de acordo com o seu sexo biológico”. Para a pesquisadora, passamos a naturalizar diferenças entre homens e mulheres como se tais diferenças fossem inatas e não interpeladas (validadas, censuradas, ajustadas, reprimidas, etc.) pelo convívio social.

¹² Tomamos por exemplo a fala do atual Presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (1955-), que no ano de 2010, ainda atuante como deputado federal do Rio de Janeiro, durante uma entrevista ao programa “Participação Popular”, na TV Câmara, discutindo sobre a “Lei da Palmada” - Projeto em vigor desde 2014 e que visa proibir punições corporais contra crianças -, fez menção à homossexualidade, a partir do seguinte pronunciamento: “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?” (CARTA CAPITAL, 2018).

Partindo dessa premissa, de uma visão inatista sobre os indivíduos, nossos comportamentos e *performances* se justificariam por si só. Seriam avaliados e ponderados exclusivamente pela biologia. Divergindo dessa concepção, concordamos com Jesus (2012) quando argumenta que ainda que os sujeitos compartilhem de características comuns, detêm especificidades as quais, conforme afirma, guardam relações diretas com as experiências vivenciadas pelos e nos contextos em que se inserem.

Da agressão à identificação: trajetória de resistência em Eric de *Sex Education*

(2019)

Elegemos três cenas para investigar como a masculinidade negra, *gay* e afeminada de Eric é visualmente representada na primeira temporada de *Sex Education* (2019). Para isso, caminhamos em similaridade com as noções obtidas pelo PROVOQUE (BALISCEI, 2020). O PROVOQUE se trata de um conjunto que orienta aquilo ao qual o autor se refere como investigações visuais críticas e inventivas, aprofundando o olhar que transcende a mera contemplação, e passa a indagar e problematizar o que está sendo representado e apresentado. Dá, assim, ênfase às indagações sobre a utilização de estereótipos nas produções visuais. O foco nos estereótipos se justifica pelo fato de que, por meio deles, constantemente os sujeitos validam algumas representações e desprezam outras (BALISCEI, 2020). Ainda que a noção de estereótipo esteja ligada às percepções prévias de como algo é, apresentando-se como uma espécie de molde, padrão e guia de reprodução, seu caráter sólido e estático de “predefinir” elementos e visões, quando direcionado a indivíduos e identidades, desemboca em um negacionismo da complexibilidade dos seres. Os estereótipos limitam e enquadram sujeitos em significados que cooperam, por vezes, para a manutenção do *status quo*, para que os mesmos indivíduos continuem sendo beneficiados em e com suas representações, enquanto outros padecem invisibilizados. Conforme explica João Paulo Baliscei (2020, p. 69), a partir dos estereótipos, as “[...] representações visuais simplificam as diferenças, ajustando-as conforme os valores, estéticas e interesses hegemônicos e contribuem para constituir fronteiras simbólicas – a partir dos quais ‘abjeto’ é separado da ‘norma’”.

Embora organizado como uma sequência de procedimentos para análises visuais, o PROVOQUE se caracteriza também pela abrangência da caminhada investigativa, oportunizando uma espécie de “pré-rota” para a problematização

ancorada nos Estudos Culturais e da Cultura Visual. O PROVOQUE se estrutura em cinco etapas - Flertando, Percebendo, Estranhando, Dialogando e Compartilhando - que se conectam e visam oportunizar uma análise visual que perceba a atuação dos mais diversos detalhes e discursos que as reproduções comportam (BALISCEI, 2020).

Neste artigo, o flerte foi direcionado e instigado pelo desejo de problematizar masculinidades e os marcadores sociais que contribuem para as colocações dentro de uma hierarquia masculina. Escolhemos, então, como material de análise, cenas da primeira temporada de *Sex Education* (2019) que dão ênfase em Eric Effiong. Seleccionamos três cenas em que a *performance* do personagem ganha destaque e contemplação por meio da agressão e identificação, conforme destacamos no título deste tópico.

Embora a série nos apresente outros/as personagens que se enquadram nos pressupostos que temos interesse em analisar - havendo outros/as coadjuvantes LGBTQIA+¹³ e negros/as - Eric ganha mais destaque, tanto em questão de espaço, por contracenar constantemente com o protagonista, quanto por ter sua narrativa familiar, escolar e cotidiana contata. Os recortes¹⁴ selecionados foram extraídos da primeira temporada da série e carregam a similaridade de encenar momentos relacionais entre indivíduos masculinos ora dissidentes e ora semelhantes quanto às raças e às *performances* de masculinidades. Pontuamos, então, cenas marcadas por agressões, confrontos, identificações e resistências.

A primeira cena, referente ao quinto episódio (2019), nos apresenta o conflito vivido por Eric no caminho de retorno para casa, após uma comemoração frustrada de aniversário. Vestido com roupas femininas, Eric é coagido e agredido por dois homens adultos brancos que passam, dentro de um carro, e que o interceptam em uma rua escura. A segunda cena selecionada, do sétimo episódio (2019), expressa uma identificação, ainda que rápida, entre Eric e um outro homem negro adulto, que compartilha de gostos e estéticas semelhantes as dele. Por fim, a terceira e última cena,

¹³ Para o acrônimo representante da diversidade sexual e de gênero, utilizamos de recursos e diálogos oportunizados por Jesus (2012) que expõe como, ao redor do mundo, países diversos pensam em tornar cada vez mais a sigla inclusiva. Assim, a utilização de duas letras “T” ao invés do convencional “LGBTQIA+”, enfatiza a intenção de demarcar a identidade de “Travestis” e “Transgêneros”.

¹⁴ Embora tenhamos enfatizado cenas específicas para nos debruçar, compreendemos ser importante desenvolver e apresentar, por vezes, trajetórias anteriores e/ou posteriores às cenas selecionadas, discorrendo sobre as experiências vivenciadas por Eric Effiong ao longo da trama e seus posicionamentos. Embora as cenas colhidas tenham nos possibilitado discussões de violência, força, resistência, formas de ser e existir e identificações a trajetória do coadjuvante é marcada por opressões e temores dentro dos diversos núcleos por onde permeia, assim, caso haja acréscimos de descrição de cenas ou micro inserções nos justificamos aqui.

do mesmo episódio, retrata a ida de Eric ao baile da sua escola, trajando roupas vibrantes, estampas étnicas, salto alto, maquiagens, brincos e um turbante - elementos visuais que, socialmente, não são lidos como masculinos. Nessa cena evidenciamos confrontos e agressões entre Adam e Eric, que, são diferentes no que diz respeito às identidades étnico-raciais e às performances de masculinidade, contudo, que são semelhantes no que tange aos desejos afetivos-sexuais um pelo outro.

Discorreremos, então, sobre Eric Effiong, quem desde os primeiros episódios é apresentado como um adolescente entusiasmado, simpático e nitidamente fora dos padrões masculinos que vigoram no social em que vive. Isso fora identificado por nós por intermédio das comparações de seus vestuários com os dos demais alunos homens da escola, ou ainda, dos demais personagens masculinos da trama. Além disso, percebemos que suas falas e posicionamentos, que são evidenciados de modo gradativo, explicitam sua sexualidade homossexual e uma *performance* “atípica” de masculinidade, principalmente para sua família. Na trama, Eric vivencia constantes momentos de exclusão, assim, durante quase toda a narrativa da primeira temporada, esforça-se para desenvolver relações e conexões com os/as integrantes do colégio, principalmente com outro personagem assumidamente *gay*¹⁵. Os contrastes que contemplamos e analisamos a partir das *performances* de Eric com os/as demais personagens da série, principalmente quando posto em comparação com homens brancos, nos oportunizam inúmeras indagações quanto à expressão das masculinidades em suas diferenças, como supõe o conceito de Políticas da Masculinidade (CONNELL, 1995).

Na primeira cena analisada, enfatizamos uma das agressões que nos parece fragilizar o personagem e o impactar em relação a sua *performance* dissidente de masculinidade. Nela, Eric está voltando para a casa sozinho e frustrado, após a ausência inesperada de seu melhor amigo, Otis, na comemoração de seu aniversário (Figura 1).

¹⁵ Trata-se de Anwar, vivido pelo ator Chaneil Kular (1999--). Personagem que desempenha liderança em um grupo específico do colégio e que demonstra desprezo e certa indiferença por Eric.

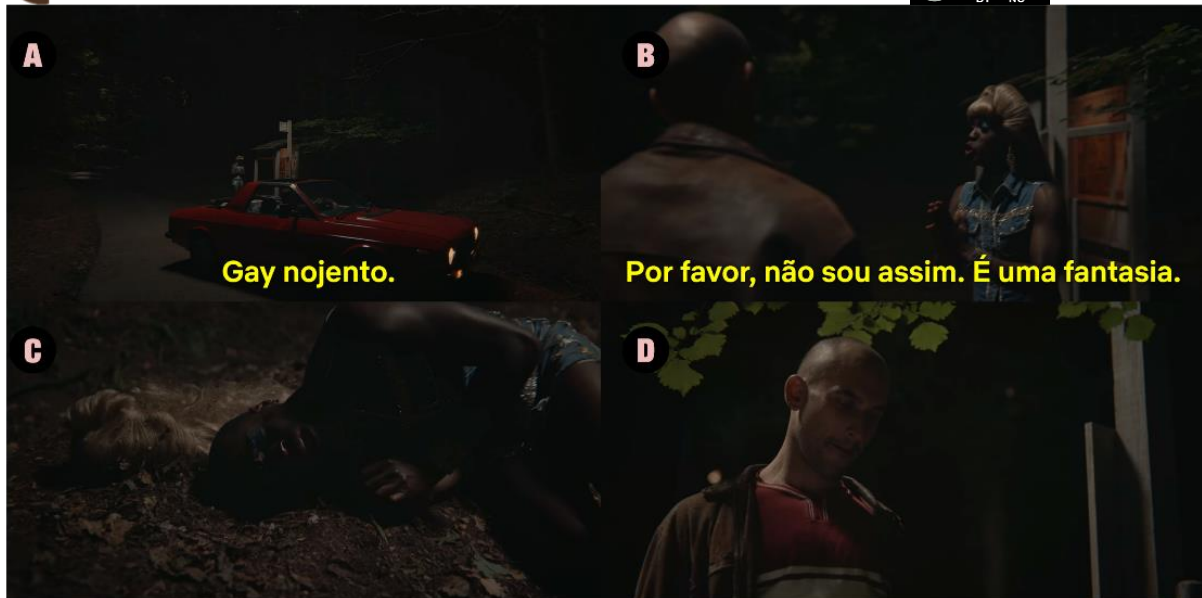


Figura 1. Composta por 4 *Print Screens* (A, B, C e D).

Fonte: *Print Screens* do quinto episódio da primeira temporada de *Sex Education* (2019), referente aos 31'57", 32'2", 32'5" e 32'8" respectivamente, localizados na plataforma de *streaming* Netflix.

Haviam combinado de assistirem, juntos, ao filme *Hedwig: Rock, Amor e Traição* (2001)¹⁶ e, como parte de uma “tradição” que eles estabeleceram ao longo dos anos, iriam, fantasiados como as personagens do filme. Por isso, nessa cena, como evidenciamos na Figura 1, Eric usa roupas que socialmente são lidas como femininas, como salto alto, maquiagem e peruca. Como mostra a sequência de *frames*, Eric é interpelado por dois homens brancos aparentemente adultos, que, à noite e na rua, provocam-no, incitam-no e posteriormente o agridem, verbalmente e fisicamente. Vemos mais nitidamente apenas um desses homens, sendo ele o responsável pela agressão física. É ele que, de dentro do carro, quando avista Eric de costas, trata-o com pronomes no feminino e posteriormente lhe pergunta se “Tem pênis, senhorita? Vai, mostra seu ‘pau’.” e, então, pede para ver a sua genitália. O diálogo rápido e a tentativa de dispensar os homens que o interceptam na estrada denotam o incomodo e a insegurança de Eric diante da presença daqueles sujeitos masculinos e brancos que expressam diferenças em relação a sua *performance* de masculinidade.

Os homens brancos, aparentemente heterossexuais, com certo poder aquisitivo (por estarem dentro de um carro esportivo), apresentam diferenças nítidas em

¹⁶ O filme narra a história de uma jovem da Alemanha Ocidental que almeja uma carreira musical nos Estados Unidos da América, e encontra no casamento a possibilidade de alcançar seus interesses. Para se casar com o homem que pode oportunizar isso, contudo, ela precisa realizar uma operação de redesignação de sexo.

comparação à figura dissidente de Eric, que não performa uma masculinidade hegemônica, nem sequer corresponde ao fator raça que eleva socialmente e hierarquiza o homem branco no topo. O agressor – homem, adulto, branco, alto, com poder aquisitivo, acompanhado e aparentemente heterossexual – supomos, performa normatividade. Os insultos e as agressões físicas não apenas nos revelam a vulnerabilidade de corpos que são taxados como alvos, assim como o de Eric, como nos denunciam a estrutura machista que atribui ao masculino, especificamente à masculinidade hegemônica, a violência como atributo elogiável.

Cenas como essa nos levam a refletir sobre a vulnerabilidade desse corpo negro, *gay* e afeminado - um corpo que é interpelado por marcadores distintos que intensificam discriminações e atos odiosos. Interpretamos, no personagem, o modo como a trama visa esquivar-se de certos estereótipos para denunciar vivências e mazelas reais de indivíduos que se reconhecem em Eric. Percebemos, aqui, convergências com o pensamento da estadunidense Judit Butler (2018), quando denuncia que, no que tange às lógicas de gênero e sexualidade, corpos lidos como dissidentes, são, muitas vezes aplaudidos e assistidos em palcos e sob holofotes. Contudo, segundo explica, em contextos usuais, fora da justificativa da teatralidade, esses mesmos corpos são agredidos, violentados e mortos.

Na rua ou no ônibus, o ato [de performar gêneros dissidentes] se torna perigoso, se realizado, porque simplesmente não há convenções teatrais delineando o caráter puramente imaginário do ato; não existe, na rua ou no ônibus, qualquer presunção de que o ato é diferente da realidade. O efeito perturbador do ato deriva da ausência de convenções que facilitem essa demarcação (BUTLER, 2018, p.12).

Semelhantemente, a brasileira Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), travesti preta, descreve, em sua tese de doutorado, parte das suas experiências de infância, quando, ainda, era reconhecida como um sujeito masculino, cisgênero e afeminado, sublinhando a vulnerabilidade desses marcadores. Expressa, assim, as estratégias de sobrevivência adotadas por ela e os meios de tentar fugir ao máximo das associações negativas que se tinham e ainda se têm sobre corpos negros, nomeados como masculinos e que performam-se afeminados.

[...] tornei-me uma pessoa ainda mais introspectiva e tive certeza de que teria trânsito limitado na sociedade e que a única possibilidade de conquistar algum respeito seria adotando em público uma postura nos moldes da norma cis heterossexual. No entanto, essa era apenas uma estratégia de sobrevivência e não um ajustamento [...] (OLIVEIRA, 2017, p. 26).

A cena constituída por tais elementos, ainda é marcada pela constante negação de Eric em relação ao modo como se apresenta fisicamente. A frase “Não sou assim. É uma fantasia” - dita por ele como mecanismo de defesa e como tentativa de conter o repúdio e a ação dos agressores alegando que normalmente não se veste como mulher - pode ser relacionada à mudança de postura de Eric. Após o trauma vivido, Eric se mostra mais reservado em relação as suas características e diferenças, e passa a usar roupas em tons escuros e consideradas “comuns” às masculinidades, portanto, roupas que poderiam ser associadas à “heteronormatividade” e à “cisnormatividade”. Relaciona-se também ao pensamento de Oliveira (2017, p. 26) para quem as “[...] estratégias de sobrevivência e não ajustamentos” são mecanismos constantemente usados para sobreviver.

Adilson Moreira (2019), outro pesquisador brasileiro com foco nas questões raciais, direciona nosso olhar para a estruturação de características dos indivíduos pertencentes e reconhecidos em seus grupos raciais. Para o autor, a subjetividade do indivíduo não é ponderada, visto que se torna ou, ao menos, carrega as características do grupo racial ao qual pertence, e essa concepção perpassa a história e a cultura.

À identidade racial branca estão associados diversos predicados positivos, como a superioridade cultural, beleza estética, integridade moral, sucesso econômico e sexualidade sadia.

Obviamente, há um processo paralelo de construção dos outros grupos raciais como pessoas necessariamente inferiores. A negritude surge a partir da atribuição negativa de características morais e traços fenotípicos das populações africanas. Ela aparece em um momento histórico no qual a raça se torna um objeto de reflexão, o que produz diversas narrativas científicas, políticas e culturais destinadas a legitimar a exploração econômica de pessoas classificadas como negras (MOREIRA, 2019, p. 42-43).

Na segunda cena analisada, após vivenciar inúmeros empecilhos sobre ser quem é, decorrentes das agressões, interpelações e tentativas frustradas de aproximação com outros/as alunos/as, Eric se viu motivado a enfrentar seus medos e as implicações de assumir-se como diferente dos/as demais. Atribuimos tal encorajamento à cena analisada, quando Eric reconhece suas diferenças em um outro personagem coadjuvante - um homem negro, adulto, cuja caracterização é tão divergente no trato às masculinidades quanto à de Eric, como demonstramos na sequência de *frames* da Figura 2.



Figura 2. Composta por 4 *Print Screens* (A, B, C e D).

Fonte: *Print Screens* do sétimo episódio da primeira temporada de *Sex Education* (2019), referentes aos 13'5", 13'16", 13'30" e 13'37" respectivamente, localizados na plataforma de *streaming* Netflix.

O personagem em questão tem as unhas pintadas, maquiagem e adereços inusitados às masculinidades; e sua diferença, ao invés de ser marginalizada, neste caso, é associada ao *status* e à valorização social, implícitos na posse do carro luxuoso, no uso de joias e roupas aparentemente caras. Ainda que esse encontro dure poucos segundos, percebemos que após ele, Eric demonstra confiança, força, coragem e determinação. Diante dessa cena, somos direcionados a pensar sobre os motivos pelos quais Eric incessantemente lida com exclusões, desprezos e rejeições, visto que, moralmente, o personagem detém características de convívio que são apreciadas. Embora Eric seja representado como um divertido, sorridente, enérgico e fiel e leal a

seu melhor amigo, ainda assim, lida com a exclusão e ataques dentro da escola, especificamente vindos de Adam Groff, vivido pelo britânico Connor Swindells (1996 - -).

Para além disso, problematizamos os obstáculos que os marcadores sociais que interpelam o personagem ocasionam, assim como também discutimos os impactos do reconhecimento de suas características em outro sujeito – como no breve encontro de Eric com o homem negro adulto, na cena descrita anteriormente. O encontro ocasiona no coadjuvante uma aparente autovalorização e autoaceitação. Uma espécie de apoio e validação para ser diferente alavancam aquele indivíduo visto como abjeto e dissidente, para assumir, com confiança, as diferenças de sua identidade. “Este sou eu”, afirma Eric ao pai, nesse mesmo episódio, após ser questionado por ele se era preciso ser “tão diferente” dos demais meninos.

Sem recorrer a clássicos estereótipos racistas, como aqueles criticados por Hall (2016), a série incorpora elementos diversos ao personagem. Consideramos, em nossa análise que Eric, jovem e negro, não detém ou apresenta/performa “selvageria” ou “criminalidade” - atribuições estigmatizadas e constantemente associadas aos indivíduos negros. Assim como, também o vemos de modo afastado de uma “hiper(heteros)sexualização”, a qual, com frequência, é utilizada para marcar corpos negros como corpos desconexos de raciocínio, corpos que vivem em função do ato sexual. Nesse ponto, inclusive, torna-se válido refletir que, no caso de *Sex Education* (2019), a sexualidade do homem-negro-gay, é abordada de modo diferente do caricato. Enquanto estereótipos reincidem na caracterização do homem-negro-gay como hipersexualizado, promíscuo e ativo, como analisa Hall (2016), o personagem Eric, embora fale sobre sexo e sexualidade constantemente, detém poucas experiências sexuais e todas elas perpassam inevitavelmente por vínculos afetivos.

Moreira (2019), ao falar sobre possíveis representações de corpos negros-masculinos-gays, nos direciona a lembrar da personagem “Vera Verão”, interpretada por Jorge Lafond (1952-2003) sucesso na década de 1990. O pesquisador faz questão de evidenciar como a sexualidade e a racialidade/corporalidade da persona Vera Verão, e concomitantemente de Lafond, eram pontos de partida para a construção do efeito cômico envolto de estereótipos. Assim, reforçavam ideias sobre a sexualidade exacerbada de homossexuais entre outras visões preconceituosas. Deste modo, pensando a representação contemporânea de Eric, vislumbramos afastamentos em relação a certos estereótipos que, embora pareçam exemplificar características

culturais de um grupo, acabam por reduzi-lo a um conjunto mínimo e distorcido de significados – como na representação de Vera Verão – um corpo negro, transgressor e cujos desejos sexuais são apresentados como “exagerados”.

Embasados na perspectiva das Políticas da Masculinidade (CONNELL, 1995), denotamos aproximações entre Eric e aquilo que a autora caracteriza como Masculinidade Subordinada e Masculinidade Marginalizada. Quando confrontado com indivíduos brancos heterossexuais, os mascadores das diferenças e as posições de masculinidade de Eric se tornam mais evidentes. Durante o enredo da série, sobretudo nos conflitos constantes entre Eric e Adam, percebemos que, em comparação com a masculinidade agressiva, ativa, branca, com poder aquisitivo e supostamente heterossexual desse outro coadjuvante - o qual, até esse momento da série parece corresponder aos ideais da masculinidade hegemônica - reiteram-se a marginalização e a subordinação da identidade de gênero de Eric. E isso fora analisado por nós, na terceira cena, evidenciada nos *frames* da Figura 3.

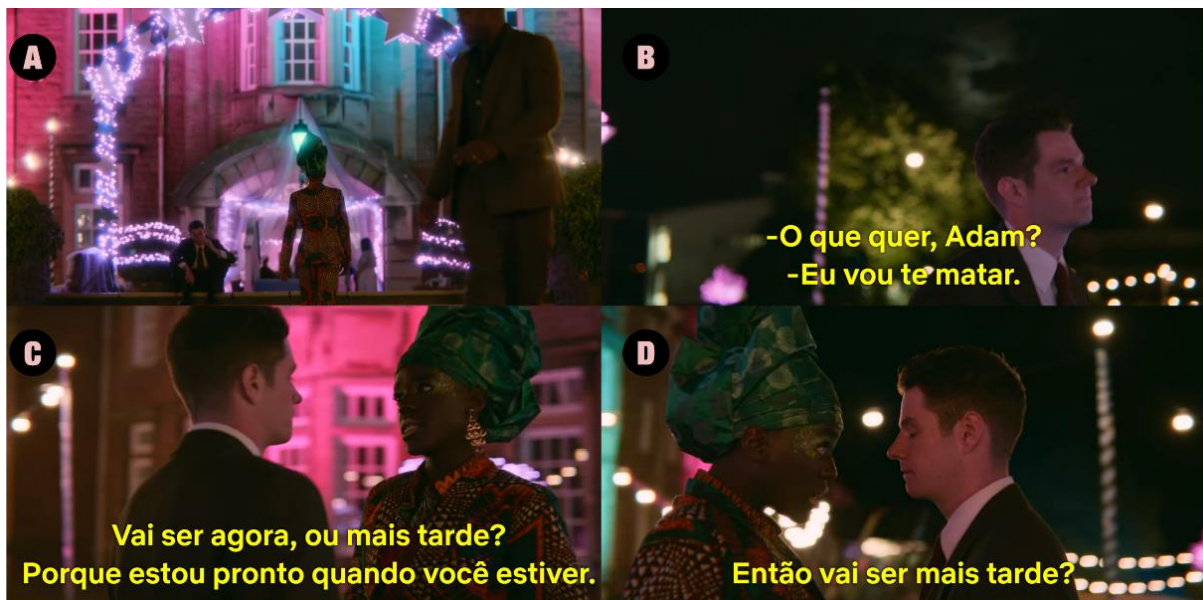


Figura 3. Composta por 4 *Prints Screen* (A, B, C e D).

Fonte: *Prints Screen* do sétimo episódio da primeira temporada de *Sex Education*, 35'11", 35'22", 32'30" e 35'37' respectivamente, localizados na plataforma de *streaming Netflix*.

As dissonâncias entre os personagens Adam e Eric perpassam pelos campos visuais e tocam as subjetividades dos indivíduos e suas *performances* de masculinidades. Vemos um homem negro de pele retinta, com roupas vibrantes, maquiagem iluminada, brinco, batom, salto alto e afins, frente a frente com um homem branco, de

terno escuro e discreto e uma gravata básica. Assim, a sobriedade dos trajés de Adam nos apresenta predicativos afetos à masculinidade a partir de uma perspectiva hegemônica e à padronização do “ser homem”, que envolve ser discreto e despreendido de tudo o que pode ser associado ao universo feminino, como a moda e os cuidados estéticos. Enquanto isso, a masculinidade de Eric se apropria e celebra os elementos femininos, apresentando-nos formas que o corpo masculino e negro pode performar em consonância com sua feminilidade.

A cena em questão está imersa em significações, afetos, aproximações e distanciamentos. Eric não apenas carrega a personificação e celebração de sua diferença, e o orgulho de ser dissidente, em seu vestuário e aparência, como também na interação com Adam, o opressor contínuo. O confronto com uma narrativa de resistência denota como as masculinidades disputam espaços e dominação e, nesses confrontos, a direção e a intensidade do poder não são sempre as mesmas. Se, até então, a masculinidade de Adam – o sujeito branco, másculo e aparentemente heterossexual – oprimia a masculinidade dissidente de Eric, nessa cena os poderes são negociados. Quando, na entrada da escola, antes do baile, Eric é coagido pelo agressor que diz “Eu vou te matar”, e o enfrenta, dizendo “Vai ser agora ou mais tarde?”, analisamos que sua reação provoca destabilizações nessa ordem de poder. Os olhos baixos de Adam, como indicamos na Figura 3, podem ser lidos não apenas como “trégua” às violências cometidas, como também certa identificação, empatia e admiração pelos modos como Eric perfoma sua masculinidade.

“Vai ser agora ou mais tarde?”: Considerações sobre a masculinidade *gay* e negra de Eric

A problematização sobre masculinidades além de nos transportar para o campo “distante” de pesquisador, aproxima-nos de nós mesmos, por falar sobre aquilo que nos interpela e nos toca. Diante dos Estudos das Masculinidades e da figura de Eric Effiong, vemo-nos como integrantes das classificações a partir das quais enquadraremos nosso objeto. A partir dos Estudos da Cultura Visual, deparamo-nos com a existência de formas de ver o mundo, as quais nos constituem. Assim, as representações não apenas descrevem o mundo e as maneiras como somos e agimos, como também, criam-nas.

Tratar de masculinidades contemplando os mais diversos marcadores sociais que tocam a infinidade de indivíduos que performam segundo normas específicas – tais como raça e sexualidade –, parece-nos apropriado e amplamente mais inclusivo. Com ênfase nas questões raciais e de gênero, além de ingenuidade, seria racismo negligenciar os impactos da construção racial identitária nos dias de hoje, uma vez que contemplamos índices de violência altíssimos contra um grupo racial específico, aqui enfatizando a população negra. Nos referindo às três cenas discutidas, vemos encenações de agressão, atuações de repúdio e de racismo. O tratamento dramático, neste caso, corresponde ao aplicado à vida real, onde há certas liberdades para que corpos alheios (leiam-se, brancos) sentem em exercer poder e dominação sobre outros (leiam-se, negros).

Embora não haja justificativas para agressões, podemos deduzir as motivações e as liberdades que os corpos brancos cis e heteronormativos acreditam deter por estarem ligados ao topo da dominação social. O que além da percepção errônea de superioridade e poder garantiria a grupos específicos comportamentos abomináveis? Manifestam-se ancorados em um sistema estrutural da sociedade que se comporta da mesma forma, em maiores ou menores aparições. Como já expresseo no texto recorrendo a Almeida (2019, p. 115), há “[...] os que serão deixados para a morte”. Pensar em quem morre, nos abre espaços para pensar também em “como” morre, em “quem” mata e “por que” mata.

Avaliando a significância e o impacto da existência de identidades que confrontam a hegemonia em muitos aspectos, vemos Eric, nosso objeto de análise neste artigo, personificando e trazendo à tona, ao público, a existência de seres que se assemelham ao persona na vida real, fora desse ficcional. Assim, com a pesquisa, podemos analisar e encontrar traços que mostram como a trama confere caracterização não estereotipada a uma figura que, no social racista e homofóbico, tem sido representada por diversos marcadores lidos como sinônimos de inferioridade. Vemos possibilidades de (r)existências por meio da identificação com a personificação de Eric na série.

Ainda que em nossa pesquisa tenhamos buscado analisar com propriedade as cenas e os personagens supracitados no texto, compreendemos que para o campo dos Estudos das Masculinidades e da Cultura Visual, o esgotar analítico e crítico de um artefato não ocorre. Sendo assim, ressaltamos, também, a compreensão sobre a existência de outras análises, e mesmo de outros estudos e pesquisas que tratam esse

mesmo *corpus* de análise, porém, que chegam a diferentes constatações. A exemplo disso, mencionamos a produção dos brasileiros Delton Aparecido Felipe e Samilo Takara (2020). Empenhados em discorrer sobre a atuação docente e o trato sobre sexualidade nas escolas, os autores nos apresentaram outra perspectiva em relação a alguns dos personagens de *Sex Education* (2019) sobre os quais aqui dissertamos. Contudo, neste caso, sublinham traços estereotipados que a homossexualidade carrega e evidenciam uma lógica cis-heterossexual presente nas relações estabelecidas entre os/as personagens.

Assim, para além de pensar apenas o papel de Eric e Adam como oposições de masculinidades, também é necessário pensar o quão palatável é a heterossexualização da homossexualidade, quando esses personagens são postos em lógicas de complementariedade e que se valem de dimensões estereotipadas de feminilidade e masculinidades para a reformulação de padrões sexuais. (FELIPE e TAKARA, 2020, p. 152-153).

Por fim, frisamos que a frase “Não sou assim: É uma fantasia” - dita por Eric, no episódio cinco, quando ele fora abordado e coagido pelo homem adulto, em uma estrada - foi destacada por nós, no título deste artigo. Nesse caso, porém, optamos por invertê-la. Sob a configuração “Não é uma fantasia: Este sou eu”, a frase em questão alude à existência (e ao orgulho) de corpos dissidentes e expõe como não corresponder às normas e aos padrões não direciona os indivíduos ao “fantasiar-se”/ “esconder-se”/ “camuflar-se”, mas sim, apresenta as múltiplas facetas do existir. “Eu sou assim: Não é uma fantasia” carrega o significado de afirmar que aquilo que é visto com estranhamento não é algo fantasiado, mas sim uma forma de se colocar no mundo, vislumbrando um ideal a partir do qual não seja necessário negar as dissidências em troca de segurança, da identificação e da aceitação.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BALISCEI, João Paulo. **PROVOQUE: Cultura Visual, Masculinidades e ensino de Artes Visuais**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Cadernos de leituras**, Belo Horizonte, n. 78, p.1-15, 2018.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.185-206, 1995. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>>. Acesso em 15 dez. 2019.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cultura Visual e Infância. In: Reunião Da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, 31., 2008, Caxambu. Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisadores em Educação, 2008, p. 102-132. Disponível em:<<https://www.ufrgs.br/gein/wp-content/uploads/2016/10/Cultura-visual-e-infancia.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2020

DEVUSKY, Alessandra. 1 vídeo (1:06:16) JORNADA FEMINISMOS PLURAIS - **Colorismo com Alessandra Devusky e Djamila Ribeiro**. Youtube, 10 jun. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4_u2mRkoRro>. Acesso em: 25 jun. 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FELIPE, Delton Aparecido.; TAKARA, Samilo. Narrativas midiáticas sobre a sexualidade: Educação, diferenças e problemáticas à formação docente. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 16, n. 39, p. 138-160, 2020. Disponível em:
<<http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6363>>. Acesso em: 12 out. 2020.

GARCIA, Wilton. O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 5, n. 11, p. 198-213, 12 jul./set. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/230>>. Acesso em 05 out. 2020.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**, Bauru: SP: EDUSC, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura- Um conceito antropológico**. 14.ed. — Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017, p. 14-40. Tese (Doutorado em Educação na Linha de Cultura, Escola e Ensino.) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.



Recebido: 14 de outubro de 2020

Aprovado: 10 de novembro de 2020